

DESIGUALDADE EDUCACIONAL E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DIALOGANDO COM BOURDIEU.

Vanessa de Oliveira Pupo, Maria Valéria Barbosa. – Educação – Pedagogia – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Esta pesquisa objetiva a análise da educação de jovens e adultos – inseridos no programa de educação de jovens e Adultos (EJA) – a partir de um debate crítico com formulações teóricas de Bourdieu sobre desigualdade educacional.

Segundo a perspectiva de Bourdieu, a escola é a grande responsável pela manutenção e conservação das desigualdades existentes na sociedade. Pois, para o autor, as crianças no interior da escola distinguem-se uma das outras por meio do que ele denomina herança cultural que, grosso modo, é o acúmulo de capital cultural que a família detém para transmitir aos herdeiros tal cultura. Com base nessas formulações, poderíamos afirmar que seria o capital cultural uma das razões pelas quais esses adultos não conseguiram estudar anteriormente? Serão essas pessoas, quando crianças, àquelas desfavorecidas culturalmente que não obtiveram o sucesso escolar?

Se Bourdieu (1999) revela o fracasso escolar e social como determinante de um processo de conservação das desigualdades sociais pela escola, torna-se relevante averiguar se as pessoas com uma trajetória de vida já consolidada por um período razoável de tempo foram vítimas desta determinação de fracasso.

Desse modo, a escolha em pesquisar o tema referido ocorreu a partir de observações realizadas em salas de escolarização de jovens e adultos da escola municipal do ensino fundamental “Nelson Gabaldi”, localizada em Marília – S.P., a fim de cumprimento de estágio curricular do curso de graduação em Pedagogia.

No primeiro dia de observação, tive que lecionar para uma turma (por sinal, minha primeira experiência docente), o que me fez pensar muito sobre eles. Gostei muito, mas por outro lado, me senti incomodada ao ver aquelas pessoas estudando em uma idade já avançada. Pensei na possibilidade em haver algo errado, afinal, por que aquelas pessoas não estudaram anteriormente? Quis saber o motivo de elas estarem ali procurando escolarizar-se. Nesse sentido, os interesses dos alunos que buscam a escolarização são convergentes à existência real de salas de escolarização para jovens, adultos e idosos? Uma vez que, para Bourdieu, o papel da escola é conservar as estruturas sociais desiguais presentes na sociedade, qual a função da educação nesse processo de exclusão escolar e, conseqüentemente, social que estas pessoas já passaram? Continuar excluindo? Ou não?

O que motivou em pesquisar tal temática é a desigualdade e a exclusão, amplamente visíveis e, fortemente marcados nos rostos daquelas pessoas que observei, o que reafirma as formulações teóricas da escola reprodutivista, ou seja, de que a escola nada mais é que uma instituição social que reproduz (reforça) a desigualdade existente na sociedade.

Esse papel excludente e desigual da educação é marcante, desde que passou a ser importante e a ter um papel fundamental na vida em sociedade. Isso aconteceu com a ascensão da burguesia (século XVIII) que, tanto utilizava a educação como um meio para diferenciar as classes sociais, como também uma forma de propiciar a ascensão social aos indivíduos.

Sobre a educação e sua relação com a sociedade no referido período, Cambi (1999, p.36) diz o seguinte:

A educação é o meio mais próprio e eficaz para dar vida a uma sociedade dotada de comportamentos homogêneos e funcionais para o seu próprio comportamento: é a via melhor para renovar no sentido burguês-individual e

coletivo ao mesmo tempo – a formação dos indivíduos, subtraindo-a a qualquer casualidade e investindo-a de finalidades também coletivas. A educação recebe cada vez mais em delegação um (ou o) papel chave da sociedade.

Já Enguita (1989, p.110) ressalta:

Os pensadores da burguesia em ascensão recitaram durante um longo tempo a ladainha da educação para o povo. por um lado, necessitavam recorrer a ela preparar ou garantir seu poder, para reduzir o da igreja e, em geral, para conseguir a aceitação da nova ordem. Por outro, entretanto, temiam as conseqüências de ilustrar demasiadamente aqueles que, ao fim e ao cabo, iam continuar ocupando os níveis mais baixos da sociedade, pois poderia alimentar neles ambições indesejáveis.

No referente ao caráter conservador e excludente da escola há um ponto relevante que diz respeito à desvalorização da cultura popular, uma vez que, a cultura escolar transmitida e exigida é a mesma da classe dominante.

Para Bourdieu, esta relação pode ser notada por meio das posturas dos alunos: aqueles que detém o capital cultural conseguem expressar melhor a linguagem denominada culta, enfim, uma série de posturas tão valorizados na escola, que somente aqueles que possuem o privilégio cultural é que conseguem atender às exigências e ao padrão escolar.

Nesse sentido, cabe à escola criar ou desenvolver o desejo pela cultura erudita, para aquelas crianças que possuem um ambiente cultural familiar desprovidos deste tipo de cultura. Mas, não é isso que a escola faz, permitindo que tais diferenças continuem, e até auxiliando a promover essas desigualdades, pois nada faz para reduzir as diferenças.

Ainda para Pierre Bourdieu, sob uma máscara, a escola finge ser democrática e igualitária, utilizando a “ideologia do dom” para reafirmar esses ideais, isto é, culpabiliza o indivíduo pelo fracasso escolar, por não possuir aptidões naturais necessárias para conquistar o êxito escolar. E aqueles que conseguem o êxito, mas são desprovidos de capital cultural, na verdade ajuda a escola a legitimar os ideais igualitários e a responsabilizar o indivíduo pelo seu fracasso:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades ao mesmo tempo em que as legitima. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, a aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de “dom” ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural. (BOURDIEU, 1999 p.58-9).

É o tipo de exclusão includente, pois a escola não proíbe o ingresso, mas promove uma série de mecanismos que se tornam barreiras para alguns em seu interior. Assim, o privilégio de classe existe, mas de forma implícita como revela Bourdieu (1999) na citação abaixo:

Como sempre, a escola exclui; (...) e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados. Por

consequente, esses excluídos do interior são votados a oscilar – em função, sem dúvida, das flutuações e das oscilações das sanções aplicadas – entre a adesão maravilhada à ilusão que ela propõe e a resignação a seus veredictos, entre a submissão ansiosa e a revolta impotente. (p.224).

No que se remete à educação de jovens e adultos, especialmente àqueles aos quais fazem parte desta pesquisa – alunos inseridos no programa de educação de jovens e adultos “Nelson Gabaldi” – nota-se que a grande maioria é proveniente de algumas situações que situam esses alunos em um ambiente que desfavorece a cultura erudita, ou seja, são pessoas oriundas da região nordestina e de área rural, locais onde são cultivadas a cultura popular, esta desvalorizada no espaço escolar. Além disso, não possuem qualificação profissional, uma vez que, analfabetos, são excluídos do mercado formal de trabalho, restando situações de sub ou (des) emprego. As mulheres, que são em maior número nessas salas, geralmente estão na situação de donas-de-casa ou empregadas domésticas, quando não desempregadas. Nesse sentido, afirma Arroyo (2003):

A pouca escolarização dada aos filhos do povo não foi a mesma dada aos filhos das camadas dirigentes foi outra, qualitativamente diferente, feita de ensaios e experimentos. Foi uma escola para subalternos, para condenados ao trabalho desqualificado. Uma reconstrução mais atenta da história da educação brasileira levar-nos-ia a descobrir sistemas de educação e ensino paralelos e complementares. (p.16).

Desse modo, para o autor são essas diferenças que irão marcar toda a trajetória escolar de uma classe desfavorecida e que, conseqüentemente, estará fadada ao fracasso escolar e posteriormente ao fracasso na sociedade, como também determinará o sucesso escolar de uma classe favorecida. Assim, conforme a história destinada aos jovens e adultos é possível relatar que, embora não se possa determinar esse “fadado ao fracasso”, há sim um sistema de ensino dual e classista que desfavorece uma classe nesse aspecto. Isso é notório se pensarmos nos índices de analfabetismo no país e os vários programas de erradicação deste “problema” desde meados da década de 1930, que até os dias atuais não houve uma solução efetiva, e que, por esta razão, aponta o descaso com um grupo de pessoas excluídas do espaço escolar.

Nesse sentido, a problemática da alfabetização, ou melhor, da escolarização de adultos é um fato que merece ser observado com mais cuidado, pois a situação ainda é gravíssima. É só atentar-se aos dados: 14 milhões de analfabetos e 32 milhões de analfabetos funcionais. Embora os índices venham nos últimos anos reduzindo, segundo as pesquisas reveladas, um aspecto notório diz respeito ao movimento estático da exclusão. Se, há tempos atrás, o problema da exclusão educacional acontecia pela não inserção dessas pessoas na escola, atualmente, essa situação ocorre em seu interior, com aquilo que denominamos de inclusão excludente. Isso acontece como uma exclusão legitimada, ou seja, os órgãos públicos oferecem a oportunidade do ingresso na escola e se exime de responsabilidades, culpabilizando o indivíduo pelo seu fracasso escolar. Não podemos esquecer que a escola é uma instituição social, e por estar inserida em um ambiente social desigual, reflete as desigualdades em seu interior. Assim, a escolarização é apenas uma das relações sociais na qual estas pessoas estão excluídas. Há o aprofundamento de uma exclusão marcada pela desigualdade.

Diante desse quadro relevante acredito ser o estudo do tema ora proposto de extrema relevância, uma vez que, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge em decorrência de um sistema social e escolar excludente que, por sua vez, modificou a trajetória de vida de milhares de pessoas que buscam em tempos atuais, o que não conseguiram na infância. Ainda, espera-se que este estudo realizado mediante debate teórico com Pierre Bourdieu propicie um diálogo inovador que possa contribuir para o alongamento do

campo de conhecimento ao qual o tema em questão integra e pode dar respostas a indagação sobre a importância da escola diante da exclusão.

Referências:

ARROYO, Miguel G. A escola possível é possível? In: ARROYO, Miguel G. (org.) **Da escola carente à escola possível** 6 ed. São Paulo: Loyola, 2003. Cap.I., p. 11-54.

BOURDIEU, Pierre A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, Maria A; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos da Educação**. 2 ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 1999, Cap.II., p.39-64.

_____. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria A.; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos da Educação**. 2 ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 1999, Cap.IX., p. 217-228.

CAMBI, Franco **História da Pedagogia**. LORENCINI, Álvaro (trad.). São Paulo: Unesp, 1999.

ENGUITA, Mariano F. A face oculta da escola. SILVA, Tomas Tadeu (trad.). Porto Alegre, R.S: Artes Médicas, 1999. Cap.IV, p.105-131.

www.ibge.gov.br

Bolsa: Núcleo de Ensino.